

União dos Escoteiros do Brasil
Grupo Escoteiro Curuqui – 142/SP

**PROTAGONISMO JUVENIL E MOVIMENTO ESCOTEIRO – HISTÓRIA E
PANORAMA CONTEMPORÂNEO**

Mariana De Marchi Oliveira

RESUMO

Este artigo pretende tratar da questão do protagonismo juvenil dentro do movimento escoteiro, visto que, no panorama educacional global, este é um dos principais assuntos referenciados. Num primeiro momento, discute-se as origens e definições da educação não-formal e, em seguida, associam-se as características de tal modalidade às do movimento escoteiro enquanto meio de formação de jovens. São discutidos ainda conceitos relacionados à importância e à definição de protagonismo juvenil. É feita então a análise dos manuais escoteiros voltados aos jovens, observando de que maneira a questão do protagonismo aparece em seus textos. Ao final, conclui-se que basear um método educacional no protagonismo juvenil, aos moldes do movimento escoteiro, apresenta diversas possibilidades de sucesso.

INTRODUÇÃO

Uma das questões fundamentais no estudo de qualquer processo educacional é o papel do jovem em todo o trabalho. Seria ele somente o depositário de um enorme montante de conhecimento e cultura, ou um elemento ativo na construção de seus próprios conceitos acerca desse conhecimento e dessa cultura? Se, como educadores, considerarmos que pretendemos formar cidadãos conscientes de seu papel social e da necessidade de participação ativa em sua autoconstrução, vemos a ineficácia de uma metodologia que põe o jovem como descrito na primeira hipótese.

Outra questão importante sobre a educação tradicional é sua relação com os meios educativos presentes fora do ambiente escolar. Se pensarmos em todos os meios de convívio social também como meios educativos perceberemos que televisão, internet, ambiente familiar e até religioso fornecem contribuições fundamentais para seu desenvolvimento. Portanto, analisar os meios de educação não-formal é de grande importância para nos aprofundarmos na compreensão do fenômeno educacional, tanto em seus aspectos fundamentais quanto político-organizacionais.

É na reflexão sobre estas questões que surge a proposta de estudar o movimento escoteiro destacando como o protagonismo juvenil aparece em sua literatura.

Assim, ao final, será possível olharmos e conhecermos o Escotismo de uma maneira diferente, com um olhar mais educativo – e por que não, crítico – sobre nosso método e movimento em si.

BREVES CONCEITOS DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Para compreender e analisar o Escotismo como movimento de educação não-formal, precisa-se, primeiramente, entender do que se trata essa modalidade de educação e como se relaciona com a escola propriamente dita.

Foi na segunda metade do século XX que as menções a essa nova vertente educacional começaram a tomar forma nos discursos pedagógicos de estudiosos ao redor do mundo. Para explicar tal fato, devemos observar os fatores histórico-sociais que as originaram: a inclusão de setores até então excluídos dos sistemas educacionais formais (adultos, idosos...) e, portanto, o aumento da demanda pela educação; a transformação mercadológica que propiciou o surgimento de novas formas de capacitação profissional; mudanças na organização familiar que fizeram com que aumentasse a busca pela educação que vai além do conhecimento técnico-científico; aumento do poder de influência dos meios de comunicação, em especial devido à sua popularização; e inovações tecnológicas que permitem o aprendizado longe do ambiente escolar.

Todas essas alterações sociais fizeram com que, no cenário teórico, também aparecessem profundas mudanças. O discurso reformista do fim dos anos 60 e início dos 70 trazia propostas inovadoras, embasadas em análises amplas dos sistemas educacionais vigentes. Assim, eram tecidas diversas críticas ao que, até então, vinha sendo considerado o lar principal da educação: a escola. Em sua obra “Educação formal e não-formal”, os educadores Elie Ghanem e Jaume Trilla expõem a situação nos seguintes termos:

“(...) essa eclosão de críticas radicais à escola também integrou, talvez de forma involuntária, o caldo de cultivo teórico e legitimador da ampliação da educação não-formal. O descrédito da escola, a exposição de suas supostas mazelas e incapacidades, a conseqüente perda de confiança em suas possibilidades, os rótulos que foram pregados (...) e os insultos que despejaram sobre ela (...) levaram alguns a pensar (com muita ingenuidade) que a ação educativa seria salva e reabilitada simplesmente afastando-se dessa instituição.”

Diante do surgimento de novas instituições educacionais, apareceu também o problema de definir ao certo qual seria o limite entre o que é formal, o que é não-formal e, ainda, o que é informal. Uma separação bem aceita atualmente refere-se, a fim de separar as duas primeiras da última, à especificidade da função educacional. Assim, o processo de educação informal é aquele que ocorre concomitante e inseparavelmente de outros processos sociais e, portanto, não possui uma delimitação nítida. Já a distinção entre formal e não-formal, trata, principalmente, de dois critérios: o metodológico e o estrutural. O primeiro diz respeito à caracterização da escola, ou seja, ao conceito que abrange a definição de um espaço próprio, a pré-seleção de conteúdos, a separação de dois papéis participantes (aluno / professor) e a não contextualização da aprendizagem. Em oposição a isso, tem-se na educação não-formal diversos sistemas menos radicais e, conseqüentemente, mais propícios a variações e aberturas, tanto no fundamento de seus métodos, quanto no quesito físico. Outro critério que separa essas duas modalidades é o estrutural ou, em outras palavras, a questão legal. Enquanto a educação formal está sujeita a regras estatais de organização, a educação não-formal, embora deva seguir certas diretrizes mais universais, como, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente, possui maior flexibilidade em sua organização, ficando à parte do sistema educacional graduado.

Um ponto importante a ser observado, a partir das distinções expostas, é a forma como essas separações mudam conforme a localidade, o tempo e, portanto, o contexto social. Dessa maneira, o que não é formal agora pode ser no futuro, ou ainda, ser formal, agora, em outro lugar do mundo.

BREVES CONCEITOS DO PROTAGONISMO JUVENIL

“A integração ao seu contexto, resultando de estar não apenas nele, mas com ele, e não a simples adaptação, acomodação ou ajustamento (...) implica em que, tanto a visão de si mesmo, como a do mundo, não podem absolutizar-se, fazendo-o sentir-se um ser desgarrado e suspenso, levando-o a julgar seu mundo algo sobre que apenas se acha. A sua integração o enraíza. Faz dele, na feliz expressão de Marcel, um ser ‘situado e datado’.”

(Freire, 2009)

A partir desta citação de Paulo Freire, podemos entender um pouco melhor qual seria então a relação do homem com seu meio e, portanto, qual seria seu papel dentro da realidade que o cerca. O autor destaca que a simples adaptação do homem aos ambientes em que vive, sejam eles declaradamente educativos ou não, não o eleva, perante sua própria percepção de si mesmo, ao patamar de parte integrante. Ele seria, portanto, um mero espectador, conectado aos seus arredores somente pelos sentidos e não por suas ações. Nessas circunstâncias, seria um indivíduo deslocado, sem ter definida para si uma posição espaço-temporal.

Mais à frente, no mesmo texto, o autor destaca que:

“A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a, vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura.”

(Freire, 2009)

O que temos, portanto, é a explicação clara de que, para que um indivíduo seja de fato o construtor da cultura na qual está imerso, é de fundamental importância que se enxergue como tal. É estritamente necessário que o jovem se reconheça como parte integrante e edificadora da realidade que o cerca. É

neste ponto que entendemos, portanto, a importância de um sistema educativo que se baseie no protagonismo juvenil.

Estando o jovem no centro do processo de seu desenvolvimento e reconhecendo-se em tal posição, quaisquer intervenções educativas que possam tomar corpo no meio são agregadas imediatamente de significâncias que, se não fosse este o contexto, seriam totalmente perdidas. Tais significâncias, de caráter totalmente pessoal e particulares a cada um dos indivíduos, ao lado da edificação constante do senso crítico, tem um papel fundamental quando consideramos o conteúdo do texto “O homem e a mulher que pretendemos oferecer à sociedade”, quando diz que:

“Desejamos que os jovens que tenham sido Escoteiros façam o melhor possível para ser: (...)

Um homem ou uma mulher líder a serviço do próximo integrado ao desenvolvimento da sociedade, capaz de dirigir, de acatar leis, de participar, consciente de seus direitos, sem se descuidar de seus deveres. Forte de caráter, criativo, esperançoso, solidário, empreendedor.”

(UEB, 2004)

Portanto, ao estudar a presença do protagonismo juvenil dentro dos manuais do Movimento Escoteiro estamos, indiretamente, nos debruçando sobre os possíveis resultados e a provável eficácia de nossos métodos. Pensar sobre tais questões é, em última instância, entender e refletir se, parafraseando Freire, estamos realmente educando os jovens para serem adultos “fazedores de cultura”.

O PRINCÍPIO DO ESCOTISMO, A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E O PROTAGONISMO

Antes mesmo de sua participação na guerra dos Boeres, BP já se indagava a respeito da participação da juventude na formação e construção da sociedade inglesa. Ainda que degradada por uma ascendente cultura de vícios e ofensas à moral da época, entendia que era dali que se ergueria o futuro de seu país e que, mesmo com todos os seus problemas e transgressões, os jovens eram capazes de ser úteis à sua pátria e mais: eles gostariam de sê-lo. Durante as batalhas, o Corpo de Cadetes de Mafeking comprovou de maneira inquestionável tais ideias de BP. Idealizado e organizado pelo general inglês Lord Edward Cecil, esse grupo de jovens voluntários recebeu treinamento para atuarem de maneira útil e fundamental durante a guerra. Não eram, porém, novos soldados: atuavam no âmbito estratégico, servindo como mensageiros, sentinelas e rastreadores, entre outros serviços que pudessem auxiliar no combate sem, entretanto, se colocarem diretamente na artilharia. Mesmo não atuando como militares, eles estavam dispostos a colaborar com os interesses de seu país, como mostra BP em uma passagem do “Escotismo para rapazes”:

*“Uma ocasião eu disse a um desses jovens, que havia acabado de atravessar uma zona de denso bombardeio:
‘Qualquer dia desses você será ferido, se continuar a andar assim no meio de uma chuva de granadas’.
‘Eu pedalo tão depressa, senhor, que elas jamais me pegarão!’ respondeu ele.”*

Mais à frente, o autor comenta sua visão sobre o ocorrido:

“Esses jovens pareciam não se incomodar com as balas. Estavam sempre prontos para obedecer às ordens, embora de cada vez, isso significasse para eles um risco de vida. (...) Mas você precisa se preparar de antemão para este tipo de coisas. É como um mergulho na água fria. Para quem estiver habituado a mergulhar, não é nada pois já foi feito mui-

tas vezes. Mas mande um camarada que nunca o tenha feito e veja como ficará com medo. (...) Mas não é necessário que haja uma guerra para que você seja útil como escoteiro. Como um escoteiro da paz há muito a fazer, todos os dias, não importa onde se esteja.”

Ou seja, ainda que fosse um condecorado militar, com vasta experiência em campo de batalha, BP sabia da grande importância de termos, no convívio social diário, jovens que quisessem e pudessem servir sua pátria, atuando positivamente em sua comunidade, em seu bairro, enfim, na realidade que o cerca.

Quando BP retornou à Inglaterra como herói de guerra, sua obra de treinamento militar *Aids to Scouting* havia se transformado em um best-seller nacional, utilizado em várias organizações juvenis. Em 1906, conheceu Ernest Thompson Seton, um britânico que vivia nos Estados Unidos, com quem compartilhou sua visão sobre programas de treinamento de juventude. Dessas conversas, surgiu a ideia de reescrever o livro original, voltando-o agora não para os militares, mas para um grande número de jovens. Em 1907, já com um esboço do que viria a se tornar o Escotismo para Rapazes, e várias ideias e teorias permeando sua mente, BP convocou vinte jovens para um acampamento na ilha de Brownsea.

Com o inquestionável êxito que obteve em seu acampamento, BP resolveu publicar, no início de 1908, a nova edição do *Aids to Scouting*, agora sob o título *Scouting for Boys*, em fascículos quinzenais vendidos em bancas e livrarias. As vendas foram tão bem sucedidas como havia sido o acampamento do ano anterior e, pouco tempo depois, Londres começou a ser povoada por diversas patrulhas e tropas escoteiras.

Observando, portanto, a gênese do movimento escoteiro, podemos notar claramente uma das características típicas da educação não-formal, fazendo parte também de sua constituição histórica: a origem e organização a partir de uma demanda social. Se, por um lado, a educação institucionalizada aparece sob o regimento do Estado, dirigida, coordenada e legislada por pessoas não tão próximas do cotidiano educacional e afastadas do que deveria ser o principal sujeito do processo, o jovem, o movimento escoteiro traz, desde seu início, sua organização baseada na organização voluntária de seus protagonistas. As

primeiras tropas de Londres foram formadas por jovens que buscavam algum tipo de formação diferente, algo que, inicialmente, pudesse lhes ser útil no serviço à Pátria.

Outro ponto importante na história do Escotismo foi o surgimento das Girl Guides. Da mesma forma que aconteceu com os rapazes, as moças, também motivadas pela vontade de servir à Pátria à sua maneira, começaram a organizar-se em tropas e patrulhas. Sua primeira aparição oficial em um evento escoteiro foi no ano de 1909, quando, em meio aos rapazes, participaram do primeiro *Boy Scout Rally*, no Crystal Palace, em Londres. Na ocasião, pediram a BP que também oferecesse algo para meninas. Novamente, vemos que a pró-atividade juvenil foi reconhecida e valorizada, fazendo surgir, já em 1910, uma nova organização, a *Girl Guides Association*, sob a liderança de Agnes Baden-Powell, irmã de BP.

Talvez para nossa visão moderna essas manifestações e mobilizações juvenis não representem uma grande surpresa. Vivemos em um país cuja história política, em especial na segunda metade do século passado, sempre foi marcada por grandes e importantes movimentos que culminaram em efetivas mudanças para nossa organização social. Porém, se ponderarmos acerca da realidade cultural inglesa do começo do século XX, teremos um contexto completamente diferente. A sociedade britânica sempre foi marcada por sua educação, formalidade e postura impecáveis, além da grande valorização de posturas sociais consideradas, muitas vezes, um tanto conservadoras. Considerando que, mesmo com essa realidade, os jovens decidiram mobilizar-se em prol do que acreditavam ser o melhor para eles mesmos ainda que, especialmente no caso das futuras *Girl Guides*, isso representasse a quebra de certos padrões, é quase tangível a transformação que o movimento escoteiro produziu na vida dessas pessoas.

Ou seja, mesmo promovendo a disseminação de valores morais um tanto conservadores, o movimento escoteiro, em seus primeiros tempos, promoveu a formação de uma nova juventude, rebelde a seu modo, indo contra a desmoralização marcante da época e, no caso das meninas, contra certas condutas sociais de comportamento.

O JOVEM E SEU PAPEL: O QUE DIZ A LITERATURA ESCOTEIRA

Como dito anteriormente, o Movimento Escoteiro pode ser considerado pioneiro no que diz respeito à colocação do jovem no papel de principal agente de sua formação. Na atualidade, essa é uma das principais metas da grande maioria dos sistemas educacionais, objetivo de praticamente todos os projetos pedagógicos escolares e tópico fundamental nas discussões dos mais respeitados educadores. Há mais de um século, BP já usava tal conceito como norte de seus programas escoteiros, aplicando-os com resultados louváveis.

A questão do protagonismo juvenil está presente em toda a literatura escoteira contemporânea. Por este motivo, este capítulo analisa como o assunto é trabalhado nos manuais voltados aos jovens, em cada um dos ramos. As obras analisadas foram: Alcateia em Ação, Tropa Escoteira em Ação, Ramo Sênior em Ação e Clã Pioneiro em Ação.

1. Ramo Lobo

Logo no início da leitura do livro Alcateia em Ação, nota-se a preocupação de sua equipe de elaboração em fazer com que tanto o vocabulário, quanto as imagens e a diagramação fossem perfeitamente adequados à faixa etária a que se destinam. Utilizando palavras de uso cotidiano, fotos e ilustrações contendo lobinhos como centro de seu conteúdo, o texto aproxima a criança da mensagem que deseja passar, uma vez que prontamente esta se identifica com o material com o qual está lidando.

Uma parte do manual que merece destaque é o chamado Caminho do Integrar. Nele, a criança é apresentada ao movimento escoteiro através das relações que passa a estabelecer com seu novo ambiente de socialização: o grupo escoteiro. Esta seção é repleta de perguntas como “Qual é a sua alcateia?”, “Qual é a cor da sua matilha?”. Assim, o lobinho pode compreender a estrutura do escotismo como movimento a partir da análise de elementos de sua própria realidade, o que o coloca no centro do processo de construção do entendimento.

Nas atividades apresentadas para as crianças em sua progressão, em pouquíssimos momentos são utilizados verbos no imperativo. A escolha das demais formas verbais auxilia na construção de um ambiente de crescimento livre, o que abre espaço para a edificação do que, no ramo pioneiro, virá a ser tratado como o “remar a própria canoa”.

Percebe-se ainda a preocupação de que o guia não seja somente mais um livro. Em diversos locais, existem espaços para que a criança coloque fotos de sua alcateia, do dia de sua promessa ou escreva o nome de seus colegas. Desse modo, o lobinho passa também a ser um construtor do seu manual, de modo a tomá-lo como algo realmente seu, vendo significância em suas páginas e, assim, deixando de lado qualquer ideia de ser somente um depositário dos conceitos ali expressos.

Do mesmo modo, a lei do lobinho expressa esse papel de protagonista. Todos os seus artigos apresentam sentenças positivas, como “O Lobinho ouve sempre os velhos lobos”, não tendo enunciados do tipo “O Lobinho não faz...”. A criança se vê como principal ator da construção de seu caráter e de sua estruturação como um escoteiro propriamente dito. Do mesmo modo, não vê tal código de conduta como regras que cerceiam suas ações, mas como algo que o incentiva a adotar determinados comportamentos. Cabe destacar aqui a participação do escotistas no sentido de justificar cada um dos cinco artigos. Se não tomado tal cuidado, as normas de conduta, por elas mesmas, não adquirem valor efetivo.

Tratando agora das etapas de progressão de cada um dos Caminhos, podemos ver que estas trabalham diretamente com vivências cotidianas. Elas destacam a importância de ações como cuidar de sua higiene pessoal, ter conhecimentos práticos para o dia-a-dia e tomar atitudes corretas e acertadas nas diferentes situações de convívio social. Dessa maneira, a criança pode ver que seu desenvolvimento e crescimento como indivíduo estão presentes em seu viver diário, em suas atitudes com cada pessoa com quem tem contato nos mais diversos ambientes.

Observando todas essas características, podemos entender que, no Alcateia em Ação, a criança é convidada a tomar consciência de que é um indivíduo em desenvolvimento e que este desenvolvimento em si é construído através das experiências de seu cotidiano e convívio em sociedade.

2. Ramo Escoteiro

Bem como no texto voltado ao ramo lobo, este apresenta um vocabulário leve e adequado à faixa etária a que se destina. Também, facilita a aproximação e identificação do jovem com o escoteiro descrito no material. Tal identificação ocorre por meio de imagens e de enunciados do tipo "o escoteiro vive aventuras com os amigos; faz atividades divertidas", além da adoção dos valores morais tipicamente ligados ao movimento. Este caminho pode ter resultados adversos. Se o jovem, dentro de sua tropa, não participa das atividades como citadas no texto, ou ainda não se vê portador de certas condutas morais, pode acabar por não enxergar-se como membro efetivo daquele grupo. Portanto, é de fundamental importância aqui o papel da chefia, no sentido de propiciar tais experiências.

Mais adiante, quando toma forma o texto referente à progressão pessoal, ficam mais evidentes traços que se relacionam diretamente à questão do protagonismo. Atitudes e escolhas pessoais são ligadas diretamente ao aprendizado e ao crescimento, sendo estes trabalhados em seus mais amplos significados. Nas Atividades da Progressão, o jovem é convidado a realizar diversas tarefas das quais dependem suas conquistas. O que é importante observarmos aqui é que cada uma delas tem uma significância bem clara dentro do movimento e da vida cotidiana do jovem. Exemplificando: ao "Participar ativamente do seu conselho de patrulha, contribuindo com ideias e pontos de vista", ele não está somente tomando para si a responsabilidade sobre o futuro da vida escoteira de sua patrulha, mas assumindo o papel de indivíduo atuante em uma estrutura democrática, com todos os seus debates e discussões, de modo que, transpondo tal papel para o mundo "fora" do grupo escoteiro, ele também passa a se enxergar como um cidadão pleno e que pode contribuir positivamente com a sociedade. Itens como esse trazem muito mais do que simplesmente o aprender a programar atividades; eles lidam diretamente com a prática da democracia. Vale ainda ressaltarmos que muitas das atividades da progressão tem caráter coletivo, o que destaca novamente a importância do escotista como gestor do bom funcionamento e da boa aplicação do programa educativo.

Há ainda, nas atividades da progressão, espaços em branco, a serem preenchidos pelo próprio jovem com atividades que este considere importantes para seu desenvolvimento. Tal abertura permite a valorização de individualidades, tanto pessoais, quanto coletivas. Um jovem católico pode, por exemplo, ter como parte integrante de sua progressão a ida a um evento como a Jornada Mundial da Juventude. Estaríamos, neste caso, valorizando uma individualidade do escoteiro, ou seja, uma individualidade pessoal. Já as individualidades coletivas podem relacionar-se a aspectos culturais de determinada região ou de determinado grupo social. Participar de um desfile de Carnaval, por exemplo, seria uma atividade que a ser integrada à progressão de todos os elementos de determinada patrulha, se tal ação fosse considerada por eles como uma parte importante de seu contexto cultural.

Partindo agora para a sessão que trata da promessa escoteira, vemos que ela parte do conceito de honra que o próprio jovem possui. Fazendo isso, ele assume um compromisso, inicialmente visto como universal, de maneira totalmente única e pessoal. A lei escoteira também, por seu texto, é totalmente baseada no protagonismo.

Existem ainda, no guia, diversas perguntas que levam o jovem a refletir sobre quem é ele dentro do movimento escoteiro, bem como qual seria seu papel dentro deste grupo social. O refletir sobre a dinâmica da patrulha estimula o jovem a pensar sobre qual seria sua função na comunidade, o que promove o desenvolvimento de seu senso crítico. Isso faz com que ele, a partir de suas impressões pessoais, possa enxergar-se como um indivíduo consciente de seu papel e de sua função nos mais diversos meios e ambientes de convívio social.

Observa-se portanto, que no ramo escoteiro o jovem é convidado a olhar para si como membro de algo maior, refletindo sobre como sua posição espaço-temporal, aliada a seus valores e ações, determinam a sua função e papel em seu contexto.

3. Ramo Sênior

Os manuais dedicados ao ramo sênior e ao ramo escoteiro são bastante parecidos em diversas passagens. Ao tratar da história do movimento, da pro-

messa escoteira e do sistema de patrulhas, por exemplo, as abordagens são extremamente similares e, portanto, já foram discutidas no item anterior.

Um capítulo que se destaca é o que convida o jovem à elaboração de projetos de atividades. Diferentemente do que ocorria na tropa escoteira, aqui ele é realmente chamado a ser o idealizador de mobilizações de cunho escoteiro, comunitário ou ambiental. O guia traz, responsabilmente, várias instruções e observações importantes no que diz respeito à organização e estruturação de um projeto: definição de área de atuação e objetivos, financiamento, planejamento de execução e avaliação. Há ainda uma lista com diversas áreas de atuação, abrindo espaço para a descoberta de novos assuntos de interesse. Ou seja, o jovem tem a oportunidade de transpor seus valores, ideias e conceitos individuais para o plano concreto, por meio de uma ação que traz, efetivamente, melhorias para seu meio social. E, para auxiliá-lo nesse processo, já está munido de várias ferramentas de caráter organizacional. Novamente, suas individualidades são o ponto de partida para sua identificação como principal ator de um cenário positivo. De certa forma, este capítulo esboça uma preparação para o que deve ser a atuação do jovem no ramo seguinte.

Uma mudança importante em relação ao programa anterior trata do compromisso sênior. Ao contrário do que era feito até então, o texto do compromisso assinado na cerimônia da investidura passa a ser individual e de autoria própria. O momento, já extremamente pessoal no modelo antigo, torna-se ainda mais particular, já que o jovem é convidado a realmente refletir sobre o que está assumindo e, o mais importante de tudo, sobre com o quê quer realmente se comprometer. Ele traz para si a responsabilidade de definir quais serão suas metas e posturas dali em diante e, ao assumi-las em frente à sua sessão, deve ter ainda mais segurança e compromisso com aquilo que está tomando para si.

Portanto, neste ramo, o manual chama o jovem a tomar parte nas mudanças que deseja implementar na sociedade, fazendo-o refletir também sobre como suas posturas e condutas podem afetar tais mudanças.

4. Ramo Pioneiro

Desde seu processo de elaboração, os manuais destinados ao ramo pioneiro tem como enfoque principal o protagonismo juvenil. Diferentemente do que ocorreu nos outros ramos, aqui os jovens puderam também participar da produção dos manuais que iriam utilizar. Sendo este o esquema de construção do material, espera-se que este seja o ramo em que o protagonismo mais se faça presente. E é exatamente isso que ocorre.

Na leitura do texto, podemos identificar duas grandes “preocupações”, se podemos assim dizer, do guia: levar o jovem a conhecer melhor o meio que o cerca, transformando-o de maneira positiva; e fazer com que o pioneiro estruture sua vida de um modo responsável, adotando hábitos saudáveis tanto para sua saúde física quanto para seu convívio social.

Atentemo-nos à primeira preocupação. A partir de propostas de atividades como participar de uma campanha na área de saúde, organizar um Fórum Pioneiro, planejar uma oficina de jogos cooperativos, entre tantas outras do guia, o jovem é colocado diretamente em contato com diversas questões sociais, em seus mais variados âmbitos, indo desde problemas de convívio até questões estruturais urbanas. Para ter êxito no cumprimento de suas tarefas, o jovem deve entender determinadas minúcias do problema com o qual está lidando, compreender o seu papel nesse contexto e, munido de todo esse conhecimento, elaborar propostas de melhorias, aplicando-as da maneira que considerar mais adequada. Ou seja, a partir do entendimento de sua função social, ele pode ser o personagem principal de uma mudança positiva em seu meio. Se olharmos novamente o texto “O homem e a mulher que pretendemos oferecer à sociedade”, veremos que ele trata exatamente da construção de um indivíduo crítico e ativo em sua comunidade. Percebemos, então, que no ramo pioneiro este objetivo é perseguido a partir da estruturação de relações positivas do jovem com o ambiente e da ideia de que essa construção somente terá significância efetiva se partir da iniciativa do próprio jovem.

Em atividades como elaborar um plano de desenvolvimento pessoal (projeto de vida), escrever uma autobiografia e organizar as atividades diárias, vemos a segunda preocupação destacada. As ações de seu dia-a-dia, submetidas a análise e reflexão individual, tornam-se objetos de mudança, sendo seu agente

e depositário. Assim, o jovem acaba refletindo sobre assuntos e questões que talvez não o fizesse sem o incentivo do Movimento, promovendo em sua vida as mudanças que julgar necessárias. Novamente, ele altera o seu contexto de maneira positiva, a partir de sua iniciativa.

De maneira similar ao que ocorre no manual do ramo sênior, temos novamente o convite à elaboração de projetos. A importância desse tipo de construção já foi discutida no item anterior e todos os potenciais benefícios desta atividade encontram-se ainda mais acentuados nesse ramo, visto que são a base de toda a progressão pioneira. O que se destaca aqui é o chamado Projeto de Relevância, que pode ser utilizado para a conquista do grau máximo do ramo, a Insígnia de BP. No programa antigo, o projeto de IBP era estritamente de cunho comunitário. No novo programa, ele pode ter diversos campos de ação: serviço, natureza, viagem e trabalho. Portanto, as mais variadas características da vida do jovem podem ser utilizadas na elaboração do projeto, colocando-o no centro do processo decisivo sobre a construção de sua condecoração.

Assim, no ramo pioneiro, as reflexões sobre o papel social do jovem tornam-se mais acentuadas e o manual, por seus textos e propostas de atividades, faz com que a estruturação de seu senso crítico e da pró-atividade tome ainda mais corpo.

CONCLUSÃO

Após as diversas análises feitas neste trabalho, é possível concluir que o movimento escoteiro é um grande exemplo de como o protagonismo juvenil deve ser o ponto chave no desenvolvimento de um sistema educacional. O crescimento do escotismo como movimento deu-se quase que exclusivamente pela demanda da juventude e, exatamente por isso, diferencia-se dos meios de educação formais. Enquanto a escola apresentou-se sempre como uma imposição do mundo adulto, ao qual os jovens estavam ao menos parcialmente alheios, o movimento escoteiro sempre configurou-se como uma alternativa para o desenvolvimento pessoal completo de caráter exclusivamente voluntário.

As características de sua construção histórica não se perderam ao longo do tempo e, com a leitura dos manuais contemporâneos, vemos que ainda hoje o jovem é chamado a assumir o papel de principal ator de seu crescimento pessoal e do progresso de sua sociedade.

Fica então a lição para nós, educadores formais ou não: colocado em seu lugar natural, seu espaço de direito, o jovem pode, com extremas chances de sucesso, tomar as rédeas de seu desenvolvimento. Resta a nós, saber guiá-los de maneira responsável e concisa. Aceitemos, então, este desafio.

BIBLIOGRAFIA

Baden-Powell, R. *Escotismo para rapazes – Edição da Fraternidade Mundial*. União dos Escoteiros do Brasil.

Baden-Powell, R. *Lições da Escola da Vida*. União dos Escoteiros do Brasil.

Freire, P. *Educação como prática da liberdade*. 32ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra.

Horn, L. et al. *Alcateia em Ação*. 1ª edição. União dos Escoteiros do Brasil, 2011.

Horn, L. et al. *Tropa escoteira em ação*. 1ª edição, União dos Escoteiros do Brasil, 2010.

Horn, L. et al. *Ramo sênior em ação*. 1ª edição, União dos Escoteiros do Brasil, 2011.

Horn, L. et al. *Clã Pioneiro em ação*. 1ª edição, União dos Escoteiros do Brasil, 2012.

Pereira, Ana P.C. *Educação não-formal tendo como exemplo o modelo pedagógico o método escoteiro* (monografia) – Rio de Janeiro, 2004.

Trilla, Jaume. *Educação Formal e Não-Formal: pontos e contrapontos*. São Paulo - Summus, 2008.